

## A GRAMÁTICA E O GRAMÁTICO NA MÍDIA: CITAÇÕES E FÓRMULA DISCURSIVA EM TÍTULOS DE ENTREVISTAS\*

Aginaldo Almeida – Universidade Federal de Sergipe

**RESUMO:** O trabalho ora proposto tem como objetivo analisar os efeitos de sentidos entre locutores emergentes em títulos de entrevistas com o gramático Evanildo Bechara. Desse modo, averiguamos como a instituição midiática formula seus enunciados a fim de obter a adesão de um público leitor e instituir um determinado sentido (e não outros) ao que é enunciado, pois há uma necessidade de transparência dos sentidos e dos sujeitos. Porém, ambos não são transparentes, uma vez que são determinados historicamente: são opacos e possuem uma materialidade constitutiva. Respaldamo-nos, assim, nos pressupostos teóricos da Análise do discurso de linha francesa. Portanto, podemos constatar que nos títulos, por meio de citações e fórmulas, há uma materialização de sentidos que retoma formulações cristalizadas no que concerne à significação do gramático e da gramática em nossa sociedade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Fórmula discursiva. Discurso. Gramática. Gramático. Mídia.

### INTRODUÇÃO

Ao considerar o texto como a unidade fundamental da linguagem, conforme Orlandi (2009, 2012), podemos compreender como ele funciona e produz sentidos. Fazendo parte de um processo discursivo abrangente, o texto é o lugar de materialização do discurso, isto é, a unidade significativa (constituída de letras, sons, figuras etc.) que os sujeitos têm diante de si para ter acesso ao discurso. O texto é um objeto linguístico-histórico que, imaginariamente, possui começo, meio e fim. Porém, do ponto de vista de sua constituição discursiva, ele não é fechado em si porque mantém relações: com outros textos, em suas margens há outros já realizados, possíveis ou imaginados; com suas condições de produção, os sujeitos e a situação de enunciação; e com sua exterioridade constitutiva: o interdiscurso.

Todo texto é, para a Análise do discurso, heterogêneo: atravessado por diferentes formações discursivas (regiões do sentido que determinam o que pode e deve ser dito em uma determinada conjuntura histórico-social e ideológica) e afetado por diversas posições do sujeito. Por ser determinado, o sujeito ocupa posições distintas, como: professor, gramático, jornalista, pai etc., as quais se constituem a partir de uma memória discursiva, pelo interdiscurso – o já-dito e esquecido que intervém no nosso dizer para que ele signifique.

Partindo desses pressupostos, interessam-nos nesse trabalho os títulos de entrevistas, parte de suma importância nos textos jornalísticos. Tomamos como *corpus* três títulos: “Com acordo, tiramos um peso dos ombros”, diz Evanildo Bechara”, “O aluno não vai para a escola para aprender ‘nós pega o peixe’” e “Senhor norma culta”. Por fim, podemos averiguar como o gramático e a gramática são significados pelos próprios gramáticos, fazendo intervir em seu discurso recortes da memória do dizer assentados em representações sócio e historicamente determinados.

---

\* XI EVIDOSOL e VIII CILTEC-Online - junho/2014 - <http://evidosol.textolivres.org>

## 1 A EMERGÊNCIA E RETOMADAS DE SENTIDOS: COMO SIGNIFICAM OS GRAMÁTICOS E A GRAMÁTICA?

No *Dicionário Houaiss da língua portuguesa* (2009, p. 1849), uma das definições do verbete “título” é o “nome ou expressão que se coloca no começo de um livro, em seus capítulos, em publicação jornalística, peça teatral, filme, música etc., que pode indicar o assunto ou simplesmente identificar, individualizar a obra ou o trabalho”. Ele encontra-se, assim, em uma posição privilegiada, início da página, e com caracteres que lhes conferem destaque, geralmente são utilizadas fontes maiores e o negrito. Discursivamente, a análise dos títulos das entrevistas permite-nos compreender os efeitos de sentido instaurados entre locutores pelos gestos de interpretação efetuados pelos autores.

Várias são as formas de apresentação dos títulos de entrevistas. Uma delas é a citação, ou seja, os autores das entrevistas, aqueles que são responsáveis pelos nós de coerência do texto (FOUCAULT, 2009a, 2009b), utilizam citações da fala do entrevistado para conferir um destaque maior à matéria, como em:

- (1) “‘Com acordo, tiramos um peso dos ombros’, diz Evanildo Bechara” (*Estadão*, 2012)<sup>1</sup>.
- (2) “‘O aluno não vai para a escola para aprender ‘nós pega o peixe’” (*Último segundo*, 2011)<sup>2</sup>.

O sujeito enunciador, o jornalista, traz a fala do entrevistado a fim de evidenciar o posicionamento deste em relação ao assunto tratado. Para marcar o discurso do outro, os jornalistas utilizam aspas, as quais constituem uma marca de heterogeneidade. Como todo texto é heterogêneo, podemos identificar a forte presença da heterogeneidade enunciativa, discursos outros presentes na constituição do nosso dizer.

Conforme postula Authier-Revuz (1990), a presença de outros discursos no nosso pode se dar de forma mostrada e constitutiva. A heterogeneidade enunciativa mostrada refere-se à presença localizável do discurso outro no fio do discurso, no intradiscurso, podendo ser marcada (uso do discurso direto, discurso indireto, aspas etc.) ou não marcada (uso do discurso indireto livre, alusões, ironias etc.). Já a heterogeneidade constitutiva, definida a partir do dialogismo bakhtiniano, diz respeito ao princípio de que todo discurso é atravessado por outros, que toda palavra que utilizamos já foi proferida anteriormente.

Nos títulos (1) e (2), a heterogeneidade mostrada marcada é localizável por meio do uso das aspas, ora para demarcar aquilo que pertence à formação discursiva a que se identifica, ora para distanciar-se daquilo que concerne a outras formações discursivas. Logo, “O escrevente coloca aspas porque presume que seu leitor modelo tem uma certa representação da posição de onde é enunciado o texto e à qual o escrevente deve-se conformar colocando aspas... Há, pois, um jogo sutil com as expectativas do leitor” (CHARAUDEAU, MAINGUENEAU, 2012, p. 67).

Em (2), é interessante observar que o jornalista cita um enunciado do gramático entrevistado que, por sua vez, cita um outro enunciado, marcado também por aspas. Essa marca tipográfica abaliza o embate entre duas formações discursivas distintas. O gramático, a partir da posição que ocupa, não se identifica com ‘nós pega o peixe’. Vale enfatizar que esta entrevista trata da discussão provocada pela adoção do livro didático “Por uma vida melhor” por escolas da rede pública de ensino. Ao ser destacar esse enunciado para compor o título, o autor pretende, a partir da formação discursiva em que está inscrito e tomado pelo

<sup>1</sup> Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/noticias/artelazer,com-o-acordo-tiramos-um-peso-dos-ombros-diz-evanildo-bechara,959220,0.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2013.

<sup>2</sup> Disponível em: <<http://ultimosegundo.ig.com.br/educacao/o+aluno+nao+vai+para+a+escola+para+aprender+nos+pega+o+peixe/n1596951472448.html>>. Acesso em: 21 ago. 2013.

funcionamento midiático que lhe escapa a sua vontade soberana, arregimentar um dado sentido: o livro didático não deveria ser adotado por não tratar somente da norma-padrão.

Não menos interessantes são os efeitos de sentidos provocados pelo título:

(3) “Senhor norma culta” (*Revista Piauí*, 2011)<sup>3</sup>.

Nesse título, o entrevistado é considerado a personificação da norma culta. Noção esta perpassada pela mídia como um sentido transparente e linear: norma culta é o português “correto”. No entanto, do ponto de vista discursivo tal noção apresenta-se problemática, pois pode indicar diversos sentidos a depender das condições de produção que emergem, ou seja, das posições-sujeito, das formações discursivas em quem os sujeitos enunciadore se identificam. Ao analisarmos os usos do termo “norma culta”, podemos inferir que se trata de uma fórmula discursiva, que possui quatro propriedades fundamentais: tem um caráter cristalizado, se inscreve numa dimensão discursiva, funcional como referente social e comporta um aspecto polêmico (KRIEG-PLANQUE 2010, 2011).

A noção de fórmula discursiva diz respeito ao “conjunto de formulações que, pelo fato de serem empregada em um momento e em espaço público dados, cristalizam questões políticas e sociais que essas expressões contribuem, ao mesmo tempo para construir” (KRIEG-PLANQUE, 2010). Dessa forma, os enunciados que possuem o estatuto de fórmula cristalizam temas sociopolíticos, assumindo um funcionamento polêmico, visto que as fórmulas são unidades que significam alguma coisa para todos, mas não com um sentido único.

O título (3) refere-se à expressão “norma culta”, inicialmente empregada no meio acadêmico e possuindo um determinado sentido. Ao ser utilizada pela escola e pela mídia, ela se inscreve em outras formações discursivas, adquirindo sentidos diversos e tornando-se um objeto de polêmica. De acordo com Faraco (2008), o conceito “norma culta” foi criado pelo linguista Eugenio Coseriu no início da década de 1950 a partir do arcabouço teórico do Estruturalismo. Para esse linguista, a norma refere-se aos diferentes modos de falar, ou seja, ao que é habitual, normal, usual e recorrente em uma comunidade. Então, em uma mesma língua há diferentes normas que se equivalem do ponto de vista linguístico, é socialmente que não há equivalência. Com a expansão de seu uso pela mídia e pela escola, essa noção vai adquirindo novas acepções, promovendo deslocamento e deslizamento de sentidos. Faraco (2008) aponta que essa noção adquire, correntemente, três sentidos: gramática, norma curta e expressão escrita.

Consoante esse autor, com a introdução da Linguística nos anos de 1960, inicialmente com o Estruturalismo, foram evidenciadas diversas fragilidades conceituais e empíricas da gramática normativa, fazendo-a perder prestígio e espaço no âmbito dos estudos universitários. Passou a ser politicamente incorreto dizer que se ensina gramática. O ensino da nomenclatura deveria ser subordinado ao estudo da língua propriamente dita (práticas de leitura, escrita e fala), como postulado nos documentos oficiais. Foi “necessário encontrar um novo nome para o velho saber e as velhas práticas”. Ou seja, “a expressão norma culta caiu como uma luva. Não era uma expressão desgastada (porque era, até então, de uso restrito) e vinha do discurso científico (o que lhe garantia certo pedigree). Passou a ser usada, então, em substituição ao termo gramática” (FARACO, 2008, p. 25).

O segundo sentido de norma curta, para ele, corresponde ao conjunto dos preceitos da velha tradição conservadora pseudopurista. A crítica à norma-padrão brasileira provocou e ainda provoca debates fundados, geralmente, em equívocos, pois alguns a

<sup>3</sup> Disponível em: <<http://revistapiaui.estadao.com.br/edicao-57/questoes-vernaculas/senhor-norma-culta>>. Acesso em: 29 mar. 2013.

entenderam como uma proposta do abandono de toda e qualquer preocupação normativa. A noção de norma culta passou a ser utilizada por aqueles que “se sentiram chamados a combater todos os que – pretensamente – queriam destruir a ‘boa linguagem’ e seu ensino, adeptos que seriam do populismo e da anarquia linguística, do tudo-vale, do tudo-pode” (FARACO, 2008, p. 26).

Como equivalente à expressão escrita, reduz-se a escrita a uma variedade, limitando sua prática social a alguns de seus gêneros. Porém, o domínio da expressão escrita é bem maior que o domínio da norma culta, “a expressão escrita é uma prática que envolve mais que apenas o uso desta variedade da língua” (FARACO, 2008, p. 28). A noção de norma culta transita entre a formação discursiva marcada pela cientificidade, tendo os linguistas como seus representantes, e a formação discursiva gramatical, fundada por uma memória discursiva que pressupõe uma unidade linguística do português e no tradicionalismo.

Nesse sentido, concordamos com Maingueneau (2008a, p. 53) ao afirmar que “não é porque em determinado momento a dominação discursiva oscilou, que um discurso se tornou improdutivo ou se marginalizou, que todos os usuários se calaram ou passaram a palavra a outros enunciadores”. Eles não dão lugar a outros enunciadores, eles mudam de discurso. Como os sujeitos não escolhem livremente seus discursos, pois as possibilidades enunciativo-semânticas são determinadas historicamente, os gramáticos, para manterem sua posição-sujeito, são tomados por novas discursividade, no caso os estudos científicos.

Ao inscrever-se em uma dimensão discursiva, a fórmula “norma culta” deve ser analisada em sua discursividade, e não como uma sequência puramente linguística. Ela significa algo para todos em dado momento. Enquanto referente social, tantos os gramáticos quanto os linguistas e a população em geral posicionam-se em relação a ela. A partir de posições-sujeito distintas, em formações discursivas diversas, mesmo buscando rejeitá-la, a noção de norma culta é uma passagem obrigatória quando se trata de assuntos sobre a língua portuguesa.

Como podemos perceber a sequência “norma culta” é utilizada em diversos discursos: da escola, da mídia, do gramático, da universidade etc., fato este que atesta, segundo Krieg-Planque (2010, 2011) que um enunciado ou palavra é uma fórmula discursiva, ou seja, “se a fórmula é originária de uma formação discursiva, deve sair dela. Ela é posta no cadinho comum do universo discursivo para entrar em conflito com o sentido que ela tem alhures ou com outros termos” (KRIEG-PLANQUE, 2010, p. 96). “Norma culta” encontra-se numa relação parafrástica com outros termos como “gramática”, “norma-padrão”, “língua correta”, “bom português” etc. Unidades morfologicamente diferentes funcionam como alternativas (conflituosas) de tal fórmula. É a repetitividade e a estabilidade do uso dessas sequências que permitem a cristalização de certo número de acontecimento por meio das fórmulas.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES**

Os títulos nos permitem compreender a instauração de gestos de interpretação dos autores em função do efeito-leitor construído. Ao qualificar o entrevistado, citar um enunciado da entrevista, ou mesmo enunciar somente o seu nome, uma rede de sentidos se estabelece fundada na memória discursiva. No caso em análise, a posição-sujeito do gramático é decisiva para essa constituição.

O gramático ocupa uma posição de defesa da norma culta, a qual assume outras acepções como gramática, norma-padrão e, até mesmo, língua portuguesa. Os sujeitos enunciadores de tais discursos encontram-se inscritos na formação discursiva dominante quando o assunto tratado é a língua portuguesa. É correntemente veiculado pela mídia que a

língua está em processo de degradação, de corrupção, de maus tratos por seus falantes. Por conseguinte, os gramáticos são considerados a autoridade máxima para defender o português, e, conseqüentemente, nossa pátria.

## REFERÊNCIAS

AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. Heterogeneidade(s) enunciativa(s). Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. In: *Caderno de estudos linguísticos*, n. 19, Campinas, p. 25-42, jul./dez. 1990.

CHARAUDEAU, Patrick; MAINGUENEAU, Dominique. *Dicionário de análise do discurso*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. *Norma culta brasileira: desatando alguns nós*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FOUCAULT, Michel. (1970). *A ordem do discurso*. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009a.

FOUCAULT, Michel. (1969). O que é um autor? In: \_\_\_\_\_. *Estética: literatura e pintura, música e cinema*. Ditos e escritos III – Trad. de Inês Autran Dourado Barbosa. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009b. p. 264-298.

HOUAISS, Antônio. VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

KRIEG-PLANQUE, Alice. *A noção de “fórmula” em análise do discurso: quadro teórico e metodológico*. Trad. Luciana Salazar Salgado e Sírío Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

KRIEG-PLANQUE, Alice. “Formulas” e “lugares discursivos”: proposta para a análise do discurso político. In: MOTTA, Ana Raquel; SALGADO, Luciana Salazar (Orgs.). *Fórmulas discursivas*. São Paulo: Parábola Editorial, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. *Gênese dos discursos*. Trad. Sírío Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Análise de Discurso: princípios e procedimentos*. 8. ed. São Paulo: Pontes, 2009.

ORLANDI, Eni Puccinelli. *Discurso e texto: formulação e circulação dos sentidos*. 4. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2012.